

TRANSCRIÇÕES

A UNIVERSIDADE E A DESVALORIZAÇÃO DO PROFESSOR SECUNDÁRIO*

Dino Fioravante Preti
PUC-SP

Não sei se é possível tratar das relações entre a universidade, a escola pública e o professor secundário, abstraindo-se de uma discussão mais ampla sobre a atual política educacional do País. Discussão que poderia partir da definição do próprio papel que o professor secundário deveria desempenhar na sociedade brasileira, abandonando definitivamente as visões românticas, mas também trágicas, de um profissional relegado ao seu papel de sofredor resignado, bem definido num sintagma odioso, de circulação nacional: “o coitado do professor”. Papel que tem até tradição literária e podemos busca-la lá em Machado de Assis, no “Conto de escola”, no Policarpo “em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído.” (Assis, M., *Várias Histórias*)

Toda uma política salarial que se vem prolongando pelos anos afora, aliada às péssimas condições de trabalho que já entraram para o folclore das reportagens de TV, seria, em princípio, a responsável mais direta pelo clima de desânimo que conduz ao abandono da profissão, ao desinteresse pela atualização de conhecimentos e mesmo ao desestímulo dos jovens universitários em escolher o magistério como carreira profissional. Em todas as atividades marginais que a crise do desemprego vem gerando (perueiros, camelôs, prestadores de serviços de toda ordem), há sempre muitos professores miseráveis e desiludidos, que assim vão resolvendo os problemas de empregabilidade, para repetirmos o neologismo de ministro do Trabalho, Edward Amadeo.

É a escola, é o Estado brasileiro aviltando o professor. É a escola pública mergulhada na mais recente fanfarronada dos computadores, distribuídos a estabelecimentos onde nem sequer existem mínimas condições de uso.

* *Uma primeira versão deste texto foi apresentada durante o debate sobre “O ensino e a Universidade”, na Associação dos Antigos Alunos da FFLCH/USP, em 11/12/97. Este artigo foi publicado no Jornal da USP, edição de 27/4 a 3/5/1998, pág. 2.*

É a escola falando grosso em Informática e até nos requintes da Internet, mas indiferente aos problemas humanos da educação. E sem a resolução deles, os processos tecnológicos se tornam supérfluos.

Em nossos dias, se parte das famílias matricula seus filhos na escola pública, apenas por falta de meios, uma outra parte, de maior renda, busca a escola particular, de olhos direcionados, desde o primeiro dia de aula, para os exames vestibulares que ocorrerão quase uma década depois. Por isso, as escolas particulares de melhor nível econômico anunciam equipamentos e recursos tecnológicos, mas ninguém se preocupa em falar da qualidade dos professores e de sua responsabilidade no processo de formação, que vai muito além das técnicas informacionais.

Seguramente, deveria preocupar à escola, principalmente, a formação de um homem social e politicamente consciente, decorridos 11 anos de aulas quase diárias. No fim do curso secundário um jovem, pelo menos, deveria revelar maior confiança em si; ter sua vocação estimulada pelo convívio e pelo diálogo de muitos anos de escola; possuir uma sensibilidade mais apurada pela experiência das leituras; ser capaz de exercer a crítica e tomar decisões.

Ao invés disso, sai anualmente do segundo grau uma geração de jovens robotizados, inseguros, com formação científica e artística deficiente, direcionados pelas modas de seu tempo, incapazes até de decidir sobre sua imagem pessoal. Alardeando uma liberdade ilusória, têm o mesmo ódio e aversão pelas mesmas coisas; repetem formas de agir comuns; obrigam-se aos mesmos gostos; perdem seu direito de escolha e seu julgamento crítico; são comandados pela mídia, pelo rolo compressor da propaganda, pelos modismos passageiros. A compulsão de seus atos vai desde o copo obrigatório de coca-cola, em todas as situações sociais (hoje presente até dentro das salas de exibição dos cinemas!), até a admiração pelos ritmos importados, qualquer que seja a sua qualidade, pelo filme de violência, pelos vocábulos ingleses inseridos na linguagem do dia-a-dia, índice expressivo de sua perda de identidade em relação à própria língua que tão mal conhecem.

A escola perdeu sua função formadora. E a sociedade, quando busca responsáveis para os excessos da nova geração, costuma atribuir a culpa exclusivamente aos excessos da mídia, mais em particular à televisão (instrumento de lazer, acima de tudo), como se a missão desta fosse educar, substituindo a escola despreparada para fazê-lo e para formar a consciência crítica do estudante.

Quem se importa com o professor, com sua formação e atualização? Ele é que deveria conduzir seus alunos à ansiedade do saber; à crítica; ao estudo da experiência histórica; aos caminhos difíceis da ciência; à vida expressa nos textos literários; à poesia, presença indispensável na brutalidade do mundo moderno.

Na realidade, hoje, até a literatura foi condenada à máquina comercial dos cursinhos, poderosos e oportunistas, mas considerados indispensáveis. Neles, normalmente, zomba-se do conhecimento transmitido pela escola, considerado, por princípio, deficiente e desatualizado. E, nesse novo contexto escolar, a leitura perde sua capacidade formadora e transforma-se em esquemas e estratégias técnicas para responder a perguntas de vestibular.

Todo esse quadro gerou não apenas a desvalorização do professor pela escola, mas, o que é pior, gerou um sentimento de inferioridade, de perda de seu papel social no mundo moderno, por parte do próprio professor, que assumiu a função de “coitado”. Os mais antigos vivem de memórias sentimentais do ensino, uma visão de pieguismo perdido na avaliação dos acontecimentos folclóricos da escola, destituídos de um sentimento de luta, de que é bom exemplo o livro que a Secretaria da Educação imprimiu com cinquenta textos, selecionados entre muitos, com o título *O professor escreve sua história*.

E os jovens, os professores que acabam de deixar os bancos das faculdades de Filosofia? Aqui chegamos ao ponto que nos interessa: que lição trazem da experiência universitária que lhes permita o exercício da nova profissão?

O sonho começa

Quando os jovens acabam seu curso secundário e procuram suas futuras profissões, essa decisão é tomada tendo em vista a possibilidade futura das carreiras. Ninguém parte conscientemente para um fracasso, para uma frustração, para um caminho que conduza à pobreza ou à marginalização profissional. Cada profissão oferece, de acordo com cada época histórica, maiores ou menores oportunidades de êxito profissional. Quem vai para Medicina, obviamente quer ser médico; quem entra na Politécnica deseja ser engenheiro; quem vai para Direito, advogado; etc. Quem escolhe a Faculdade de Filosofia (ou outras faculdades que, entre seus objetivos incluem o magistério), quer ser professor. E, nessa profissão, o caminho mais simples é o ensino secundário, mais acessível, à maioria.

Por que, hoje, dentro desse contexto assustador da escola secundária brasileira, que pouco oferece em termos de futuro aos novos profissionais, alguém pretenderia ser professor? Muitas vezes me fiz esta pergunta e cheguei à conclusão de que o ensino é a profissão que mais se identifica com a própria condição social do homem. Sim, porque durante toda a nossa existência estamos ensinando ou aprendendo alguma coisa e passamos de alunos a professores e de professores a alunos nas situações mais inusitadas, principalmente no contexto familiar, onde nem sempre damos ou fazemos bem as lições.

Assim, os alunos escolhem a profissão do magistério, procuram um curso superior em busca de um diploma que lhes permita exercê-la e surpreendem-se ao verificar que a própria faculdade se encarrega, ao longo dos anos, de ignorar o papel do professor secundário, procurando dar aos cursos outros objetivos, outros caminhos, muito mais difíceis e não raro indefinidos, como a profissão do pesquisador. Seria esta, realmente, uma profissão acessível à grande massa de alunos dos cursos de graduação? E haveria mercado de trabalho para ela, considerado o Brasil de hoje?

Em certas disciplinas dos cursos das faculdades de Filosofia, por exemplo, seus professores perderam de vista essa realidade para a qual os alunos ingressaram na faculdade: o magistério secundário. Alguns chegam a falar desse tema, mas limitam-se a repetir o imaginário popular que não cansa de referir-se ao professor-vítima. As prioridades dos cursos se deslocam gradativamente para a pesquisa e o incerto caminho da pós-graduação, onde, a exemplo dos vestibulares, só há vagas para os mais privilegiados intelectualmente.

O sonho termina

Um contato com as classes dos últimos semestres revela que a maioria dos alunos que já trabalha no comércio, nos bancos, nos escritórios pretende formar-se e continuar trabalhando no comércio, nos bancos, nos escritórios, porque o magistério se apresenta para eles como uma profissão absolutamente sem futuro. Ou então pretende tentar a pós-graduação. Foram iludidos durante os cursos ou a faculdade vem-se esquecendo de sua prioridade, que é a formação de professores secundários.

Não estou advogando aqui um ensino voltado para problemas didáticos, que cumpriria à área de Educação da universidade realizar (e acredito que cumpra eficientemente o seu papel). Imagino um ensino direcionado para certos fins específicos que, sem fazer abstração da pesquisa, mantenha o aluno sempre atento para a realidade da escola de segundo grau.

A atual falta de professores, nas universidades públicas, a saída de alguns nomes experientes de certas áreas, o distanciamento cada vez maior do objetivo específico de formação de professores secundários são responsáveis pelo surgimento de idéias extravagantes, como a de que é preciso salvar o bom nível da pós-graduação e, portanto, a pesquisa, pois a graduação já não tem mais solução, como se aquela, e não esta, fosse a prioridade da faculdade.

A ausência dessa maior aproximação entre universidade e escola secundária tem feito surgir, ao longo do tempo, situações absolutamente incompreensíveis. Por exemplo, na década de setenta, com a divulgação maior da Teoria da

Comunicação, o ensino secundário de Português se transformou, de repente, em ensino de Comunicação e Expressão. Nos livros didáticos, sujeito passou a ser emissor; frase virou mensagem. Foram precisos muitos anos para que se avaliassem e se abandonassem esses absurdos. Português voltou a ser Português, no currículo da escola secundária. Há muitos outros exemplos desses descompassos entre as novas teorias científicas e a realidade do dia-a-dia do ensino.

Vejo que algumas entidades, como a APLL (Associação de Professores de Língua e Literatura) têm procurado aproximar professores universitários de professores secundários. Mas esse é um trabalho para as faculdades de Filosofia.

E agora?

A grande meta a atingir seria priorizar ostensivamente o ensino de graduação, deslocando para ele os melhores profissionais, fazendo-os participar dos cursos, desde os primeiros semestres, valorizando a formação dos alunos e procurando conscientizá-los da importância social de sua futura profissão, tese, aliás, já defendida por um ex-reitor da USP que, como titular, afirmava que sempre se empenhara em lecionar no primeiro ano dos cursos.

Se as faculdades de Filosofia não assumirem esse papel, pelo menos naqueles cursos voltados para o magistério, é preciso, então, que seus objetivos sejam mudados, revelando-se aos candidatos, desde o vestibular, que se quer formar pesquisadores, pretendentes possíveis aos cursos de pós-graduação; ou, então, que se pretende meramente reciclar conhecimentos, dar cursos de cultura geral, desvinculados de um compromisso mais sério com o ensino de segundo grau, alguma coisa assim como uma “cultura de salão”, muito útil para lazer social...

Penso que o desafio está aí; ou se continua incentivando apenas a pesquisa, que poderá esbarrar no funil da pós-graduação, deixando o aluno que a ela não tem acesso sem saber o que fazer com seu diploma; ou se forma um profissional atualizado nas informações, iniciado na pesquisa, mas direcionado para o seu trabalho no ensino secundário, consciente dos valores humanos do magistério e da importância desse trabalho.

E, enquanto isso, a continuar como está, sem o apoio da universidade, a escola secundária prosseguirá ignorando cada vez mais o papel social e pedagógico do professor, rumo a um ensino tecnológico, que se sobrepõe a todos os demais interesses humanos da educação, treinando alunos para os computadores, preparando-os para “navegar” pela Internet, enquanto os livros de poesia estacionam nas bibliotecas. Como será o homem de amanhã?